



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE SELEÇÃO, ORIENTAÇÃO E AVALIAÇÃO



VESTIBULAR 2005– 2ª FASE  
GABARITO – PORTUGUÊS

**Questão 01 (valor: 15 pontos)**

O narrador-personagem, Brás Cubas, no fragmento, reflete consigo mesmo, narra suas ações internas, o que dificulta uma transposição para o cinema, sem que haja adequação de procedimentos formais, como uso de “signos icônico, lingüístico, sonoro e musical, cuja heterogeneidade distingue o texto fílmico do texto verbal.”

A dificuldade existente nas linhas 2 a 8 poderia ser resolvida:

- através do uso da linguagem escrita — legenda;
- através do uso de uma voz “off” — narrador;
- através de quadros, balões que reproduzem a situação, como nas revistas em quadrinhos
- transposição do discurso interior para o discurso direto, criando-se a possibilidade de o personagem narrador dialogar com outro personagem, exteriorizando, dessa forma, os seus pensamentos.

**Questão 02 (valor: 15 pontos)**

A luta contra o autoritarismo e a intolerância manifesta-se em Em Liberdade, de Silviano Santiago, através da crítica aos governos (tomando como parâmetro o Governo Vargas) ante a denúncia das práticas carcerárias no Brasil: “— Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito.”

No filme, Antônia desafia os padrões de comportamento de um vilarejo tradicional, onde as aparências e a hipocrisia são regras dominantes. Já em Guernica, Picasso retrata a guerra que tudo destrói, manifestando seu horror diante do autoritarismo de Franco e da intolerância maior em tempo de conflito.

**Questão 03 (valor: 20 pontos)**

Os fragmentos transcritos confirmam que a língua varia sob a influência de vários fatores. Assim, no texto 1, percebem-se diferenças de uso em relação à linguagem atual, que explicam a variação cronológica: “Sinhazinha”, “pregão”, “toada”, “mas tive de as comer...”, “a modo que”. Também estão presentes no texto 1, traços que caracterizam a variação social, revelando a origem sociocultural do falante: “qué”, “tá”. No texto 2, a diversidade lingüística manifesta-se no vocabulário típico de uma região da catinga: “juazeiros”, “galhos pelados da catinga rala”, “escanchado no quarto”, “baú de folha”, “cambaio”, “o aió a tiracolo”, “a cuia pendurada”, “espingarda de pederneira” e na linguagem usada pelo narrador, de padrão culto. Finalmente, no texto 3, destaca-se a variação social, manifestada através da fala de Leléu: “não sou o

reis dos mares.”, “Tá todos dois doidos” já o narrador utiliza norma culta, evidenciando que ocupa um outro estrato na sociedade.

**Questão 04 (valor: 15 pontos)**

A função metalingüística tem destaque quando, num texto, se discute o processo de sua construção, quando se reflete sobre o funcionamento da linguagem. No fragmento transcrito, o narrador-personagem explicita os critérios que utiliza para escrever, usando, inclusive, a metáfora do “bom cozinheiro”: “recheio a personagem com a minha pessoa, antes de assá-la no forno da imaginação poética,” como um bom copeiro (...) significativos”.

**Questão 05 (valor: 15 pontos)**

No poema de Carlos Drummond de Andrade, numa realidade espaço-temporal caótica, (paradoxal) verifica-se o nascimento de “uma flor”, contrapondo-se à imagem anterior, como se fosse “uma esperança mínima” que surge. O nascimento da flor quebra a rotina violenta do cotidiano e introduz o elemento lírico, símbolo de esperança (frágil) de um novo tempo, confiança no renovar-se dos dias, na humanização da realidade. O nascimento da flor, como o nascimento da menina – Maria da Fé - , no livro de João Ubaldo, é um momento histórico em que uma outra realidade se configura: é o ato inaugural, com seu caráter mítico. Dafé, nascida de um ato de violência, à primeira vista poderia ser apenas mais um ser marginal, fadado ao destino subumano do povo negro ou mestiço, contudo não é isso que vai acontecer. Ela vai lutar pela liberdade de sua gente, buscar soluções novas. Vai materializar a idéia ou o sentimento de um novo mundo, um novo tempo em que haja justiça social.

Concluindo, a flor e Dafé são dois seres insólitos, que representam a possibilidade de construção de “realidades diversas e não adversas”.

**Questão 06 (valor: 20 pontos)**

Em A Hora da Estrela, o narrador, Rodrigo S.M., faz-se também personagem da trama, identificando-se com a protagonista Macabéa, e projetando-se nela. É um narrador onisciente intruso e onipotente.

Em A gloriosa família, o narrador fictício é um escravo mestiço, sem nome explícito, que vai subjetivar a História a partir dos acontecimentos envolvendo a família do seu dono, o holandês Baltazar Van Dum.

O escravo narrador participa da trama apenas como observador dos fatos que presencia, ouve ou imagina, sem ser onisciente.

Em Mulher no espelho, a personagem assume, de forma autoritária e auto-suficiente, a sua ficcionalidade. Subverte a realidade: a personagem cria a sua narradora e se sobrepõe a ela.

**Obs: Em toda a prova poderão ser explorados outros aspectos, desde que pertinentes.**

**Em 09 de janeiro de 2005**

**NELSON ALMEIDA E SILVA FILHO**  
**Diretor do SSOA/UFBA**